



Director literario:  
*Albuquerque*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Collaço*  
 PAPUSSE

## *Barraca de Tandoches*



*Pim, Pam e Pum, à saída  
 Do colégio, a toda a pressa,  
 Fogitam nova partida  
 Ao primeiro que apareça.*



*Mas ouvindo o aranzel  
 Dum pregão de vendedeira,  
 Clama Pum:—esta assadeira  
 Cai como a sopa no mel!*



*Distrai Pim, com mil cuidados  
 E suas mil artimanhas,  
 A assadeira das castanhas,  
 Que vai ver-se em mil assados.*



*Então Pum que está à coca,  
 Mete o balão na panela,  
 Que estoirará dentro dela,  
 Como castanha na bóca.*



*Dito e feito. De seguida,  
 Um enorme estouro:—Pum!  
 Revela que foi só um,  
 O autor desta partida.*



*E enquanto a velha raivosa,  
 Cai desmaiada no chão,  
 Farruscada de carvão,  
 Foge a seita tenebrosa!*

# HISTORIA DE NALA E DAMAYANTI CONTO INDIANO

ADAPTAÇÃO DE  
MARIO ALVES  
PEREIRA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

**O** RA aconteceu que os Deuses sabendo que Damayanti ia escolher, em breve, aquele a quem daria a sua mão, presos p'la sua beleza, resolveram tambem comparecer na assembleia.

Então, entre um imenso cortejo, Indrá e Agni e todos os Deuses do Ceu desceram á terra.

Nesse instante, ia Nala no seu esplendido carro a caminho do país de Bhima, de alma-nha alegre e coração contente.

Avistando-o ao longe, o Deus Agni disse aos seus divinos companheiros:

«Alem vai o rei Nala correndo para o país dos Vidarbhas. Se nenhum homem no mundo o iguala, quem sabe lá se a princesa o não prefere aos proprios Deuses?»

Piedoso como ele é, não lhe ocultemos o nosso desejo, antes façamos com que venha em nosso auxilio.

Disse. E o esplendoroso Agni dirigiu-se a Nala e falou-lhe assim:

«Nala, tu és o melhor dos homens e mostras uma constante fidelidade aos Deuses. Pois sabe que aquele que te fala é Agni. A meu lado está Indra, o senhor do Ceu; são Deuses todos os que me acompanham».

Nala juntou as mãos e disse: «Eu vos adoro e sirvo, ó Deuses!»

E Agni continuou: Precisamos que tu sejas o nosso mensageiro».

«Ainda que eu tenha pressa de chegar ao fim desta jornada, disse Nala, obedecer-vos-ei.»

«Pois bem, replicou Indra, fica sabendo que os imortais amam divinamente uma simples mortal. Todos nós conhecemos Damayanti e sabemos que vai ter lugar a assembleia onde esta elegerá o seu esposo. Vai procurar a princesa e dize-lhe a honra que a espera e que, por isso que os Deuses a pretendem para si, ela não deve escolher um principe da terra. Que ela, graças a ti, compreenda o seu dever.»

Nala, prestes a desmaiar, respondeu num murmúrio: «Decerto apenas quereis experimentar-me! Não ignorais, ó Deuses, que eu vou tambem onde vós ides. Não ignorais que eu amo Damayanti! O'



Deuses bons, disse ajoelhando, eu vos suplico que não façais de mim o vosso mensageiro. Como poderei eu dizer áquela que amo que venha a ser um dia a mulher de outro?»

«Nala, disse Indra, tu prometeste... Terás de honrar a tua promessa... Disseste: «Obedecer-vos-ei!...» Obedece...»

Nala fixava em Indra e fixava em Agni os olhos turvos de lágrimas. E disse ainda: «O palacio de Bhima está bem guardado; como poderei eu entrar?»

Não te inquietes, respondeu Indra, as portas se abrirão. Obedece-nos!

E o triste Nala, numa voz que mal se ouvia, suspirou: «Obedecer-vos-ei...»

\* \* \*

E Nala prosseguiu a viagem, soluçando. Ao chegar ao palacio de Bhima os guardas nada fizeram para o deter. As portas abriam-se por si. Ninguém parecia dar pela sua presença: os Deuses haviam-no tornado invisível. Transpôs uma última porta e achou-se nos jardins reais. Dirigiu-se para um bosque e viu um grupo de donzelas que andavam rindo e brincando. E Nala de entre todas reconheceu Damayanti. Reconheceu a Bem-Amada e chorou de amor e de alegria; reconheceu-a e lembrou-se da promessa que fizera aos Deuses e chorou de dôr e de paixão. E Damayanti reconheceu Nala que lhe apareceu então, de subito, aos seus olhos. E teve um grito de surpresa e não tentou fugir. Deu dois passos para ele e toda tímida nem ousava falar-lhe. E os seus lábios entreabriam-se e, alegre e trêmula, calava-se.

Nala já não chorava: tinha dominado a sua dôr; cumpriria fielmente a sua palavra.

E Damayanti, por fim, falou-lhe então e disse:

«Quem és tu, meu lindo príncipe, quem és? Quem és tu, que assim nasceste para ser amado? Dizê... dize o teu nome e dize donde vens...»

«O' linda entre as mais lindas, o meu nome é Nala.»

«Bem o sabia!» Disse alegremente Damayanti. «Bem o sabia já... E já te esperava.»

E batia as palmas de contente, saltava e ria... e eram seus risos claros de cristal. Mas Nala, numa voz grave disse: «Venho junto de ti, ó princêsa como mensageiro dos Deuses. Indra, Agni, Varuna, todos te querem para esposa. E' de entre eles que deves escolher o teu preferido. Pensa em lhes agradar, ó tu que és todo o encanto dos meus olhos. A minha mensagem está cumprida.»

La para se retirar, temendo desfalecer deante de Damayanti...

«Não, não te vás», disse ela. E sempre sorridente, continuou: «Consinto em receber-te, ó rei, como mensageiro de amor, mas sê o teu próprio mensageiro. Não me esqueci do que o cêsne me disse. E' por ti só que vai reunir-se a assembleia. Sê-me fiel, ó Nala, como te sou fiel! Dá-me o teu amor como eu te dou o meu!

«Como poderás tu, respondeu Nala, deante dos

Deuses, escolher um homem para teu esposo? Não irrites os senhores do Mundo. Faça a tua razão que eles te não persigam pela cólera. Pensa nas felices que desdenhas. Nos teus cabelos brilharam estrelas e andarás pelos Ceus toda vestida de luz. O' Damayanti, não corras para a desgraça!

«Nala, ajoelharei ante os Deuses... mas só tu serás o meu sênhor!»

Nala tremia de amor e felicidade mas pensava que assim ofenderia os Deuses: «Ah! gritou; talvez eles me acusem de os haver traído. Mas soube dominar-me e, sem desfalecer, cumpri o meu dever e falei contra o meu desejo. O' Damayanti, minha única amada, segue a tua vontade e faz aquilo que quizeres!»

«Eu heide ser feliz e tu sê-lo-hás comigo! Vai á assembleia dos reis; que os Deuses lá vão também. Então, escolherei quem só devo escolher; ninguém no Ceu ou na terra o poderá impedir.

Nala foi ter com os Deuses e contou-lhes toda a

sua aventura; nem ocultou mesmo a resolução da princêsa.

E os Deuses sorriram...

E, na companhia de Nala, dirigiram-se para o país dos Vidarbhas.

\* \* \*

Quando chegaram ao palacio foram introduzidos numa grande sala onde as paredes, as colunas e o



tecto resplandeciam de ouro e pedras preciosas. Lá o' rei Bhima recebia os que pretendiam a mão de sua filha. Para cada um tinha palavras de esperança. Deante dos Deuses inclinou-se respeitoso: o seu ar de magestade confundia-o. A' entrada de Nala houve um grito de admiração e todos os reis perderam a esperança de merecer a linda Damayanti. Todos tomaram logar nas suas altas cadeiras e Bhima deu ordem para que prevenissem a princêsa. Damayanti apareceu. Segurava nas mãos uma grinalda de lotus para entregar ao noivo que escolhesse.

Todos tinham os olhos fixos nela e nem ousavam quasi respirar. A princêsa avançou tão docemente que até parecia nem tocar no chão. Os seus olhos percorreram a sala; e de subito parou e empalideceu de surpresa: a seu lado, numerosos príncipes tinham todos a figura de Nala!

Mas bem depressa voltou a si pensando que tal milagre era uma cilada dos Deuses. E murmurou então esta oração:

(Continúa no proximo numero)



# Os brinquedos de Toninho

**T**ONINHO, um menino que, por fazer anos, tivera muitos presentes, arrumou os bonitos todos que lhe haviam dado a um cantinho da casa das brincadeiras, deitou-se e adormeceu.

Assim que Toninho começou a sonhar, um palhacinho vestido de seda aos quadradinhos vermelhos e amarelos, que o avô lhe havia dado e lhe dissera chamar-se Arlequim, levantou-se em bicos de pés e começou a dar camba-



lhotas no meio de um arco deitado no chão e que iluminado por uma faixa de luar entrando por uma fresta da janela, parecia a arêna do Coliseu.

Um cavalinho de páu, que lhe déra a madrinha, vendo o palhacinho às cambalhotas, começou a dar saltos como os cavalinhos do circo.

*Toninho continuava a sonhar!...*



Tátá-tará-tá-tchim! Tátá-tará-tá-tchim!...

.....

Se o Toninho acordasse naquele momento, havia de ficar espantado de vêr os brinquedos a brincarem sósinhos. Mas... Toninho continuava a sonhar!...

Só uma boneca que abria e fechava os olhos, dizia: — «papá, mãã» não saíra do seu

lugar — (um lindo berço côr de rosa) — e continuava a dormir como o Toninho. Vai nisto, o palhaço, já



Vendo o palhaço, aos quadradinhos vermelhos e amarelos, a dar cambalhotas e o cavalinho a saltar, um soldadinho de chumbo, que por esquecimento ficára fóra da caixa de cartão, começou a gritar: — às armas!... — e fez sair da caixa todos os outros soldados, uns a cavalo, outros a pé, que logo se perfilaram em frente do comandante. E começaram a fazer exercícios... Uns para a direita, outros para a esquerda, outros para a frente, outros para traz...





CONTINUAÇÃO DO CONTO

OS BRINQUEDOS  
DE TONINHO

o palhacinho vestido de setim, que, descendo, disse para os soldados: — Alto! Tudo para os seus lugares!

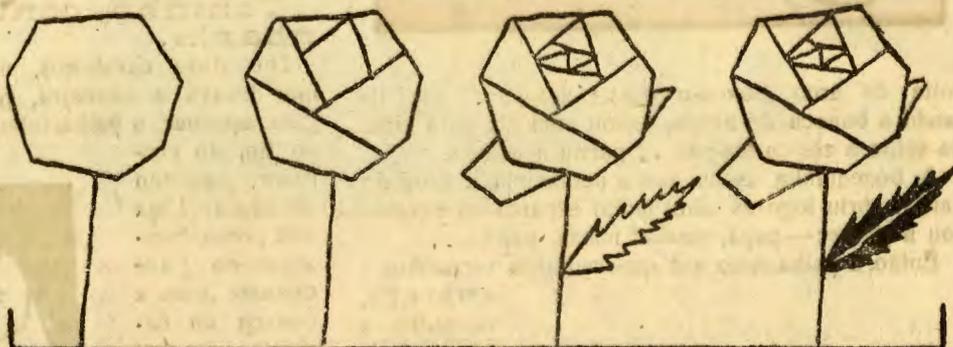
E pegando nos soldadinhos de chumbo arrumou todos dentro da caixa de cartão, menos o soldadinho que por esquecimento ficara fóra da caixa, pôz a boneca no berço, o cavalo e os palhacinhos no mesmo canto em que estavam quando o Toninho se deitára, e no momento em que voltava para o Céu e ia já muito alto...

..o Toninho acordou!



AUGUSTO DE SANTA-RITA

UMA  
LIÇÃO  
DE  
DESENHO



## Bibliografia infantil

Obras recomendadas pelo PIM PAM PUM!

(CONTOS GREGOS por Antonio Sergio □ □ □ □ □  
ilustrações de D. Raquel Gameiro)

(BONECOS FALANTES por Carlos selvagem □  
ilustrações de Mamia Roque  
Gameiro □ □ □ □ □ □ □ □)

Acabamos de receber estes dois belos livros de contos infantis, aos quais faremos mais ampla referencia no proximo numero

Quadros infantis e Historias verdadeiras. — (Historia de Portugal para as crianças). —

Narrativas de Augusto de Santa-Rita, com ilustrações de Eduardo Malta. 1º Fasciculo contendo a descrição do Condado de Portugal e dos principais feitos de D. Afonso Henriques. Acompanham este fasciculo dois quadros historicos, que se destinam a ser coloridos pelas crianças, por meio de papeis de côr, colados e sobrepostos, segundo os modelos juntos. Trabalho manual altamente interessante e educativo. — Formato Album — Edição de luxo.

Preço do primeiro fasciculo: 10 escudos. — Envia-se pelo correlo contra pagamento em carta fechada e dirigida ao director do PIM PAM PUM!

## AOS EDITORES

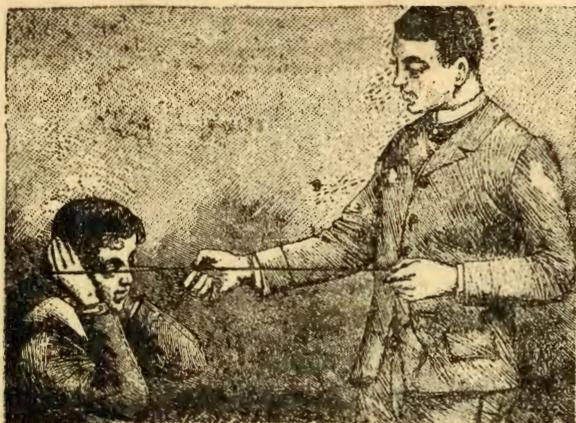
De todas as obras infantis, de que nos sejam enviados dois exemplares, faremos referencia nesta secção, desde que sejam dignas de serem recomendadas.

# HORA DO RECREIO

## Imitação do trovão

(Passatempo científico)

Vamos dar a conhecer esta curiosa experiência: nela devem tomar parte duas pessoas; uma põe as mãos sobre as orelhas e a outra passa-lhe em volta da cabeça um cordel ou guita, conforme se vê na gravura: o operador aperta-o ligeiramente entre dois dedos, afastando-se depois um pouco daquele que se submete á experiência, o qual ouvirá um forte ruído semelhante ao ribombar do trovão. Todavia, para produzir bem este efeito, devem adoptar-se algumas precauções, que vamos indicar. Antes de ter prendido a extremidade do cordel, é preciso agarrá-la com a outra mão no ponto de partida, e fazendo isto



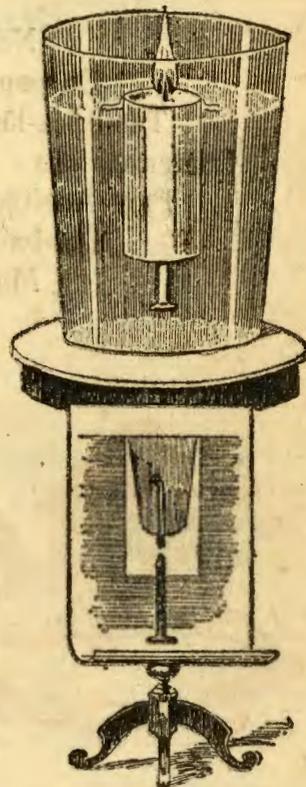
póde prolongar-se mais a experiência. Se se lhe tocar com as unhas retirando a mão por intervalos, produzem-se ruidos secos que podem imitar um fragor longínquo, desviando ligeiramente as unhas.

Esta simples experiência causa sempre admiração aos que são objecto d'ela, e ninguém seria capaz de imaginar até que ponto é intensa a impressão produzida sobre o tympano.

Tem-se falado também d'outra experiência do mesmo genero, não menos curiosa, que consiste em produzir o efeito do som de um sino, com uma colher pendurada n'um fio.

## Lamparina economica

Pega-se num copo com agua e coloca-se sobre uma mesinha de cabeceira. Logo que a agua esteja em repouso, agarra-se num côto de vela e introduz-se-lhe um prego, da forma que o desenho indica. Embora pareça mentira, o prego serve de graduador e anda-se com ele em diversos sentidos até procurar que o côto fique ao nivel da agua; depois não ha mais a fazer do que acender um fosforo e chegá-lo ao côto, acendendo este por sua vez. Vêr-se-ha como o côto se sustem na agua, e á medida que se vai consumindo irá o prego escorregando, obedecendo tudo isto a uma lei física bem conhecida.



## Advinhas

1

E' de todo indispensavel  
(Ainda que isso te espante)  
Para pescar-se um bom savel,  
E para ser-se elegante.

2

Qual é coisa que nos pés  
De qualquer pessoa encontra,  
Que ha em jardins e salões,  
E vês exposta nas montras?

3

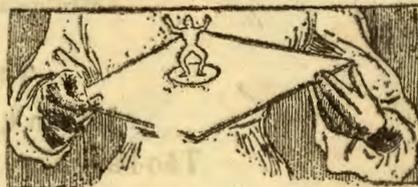
E' negro na agua fria,  
Vermelho em agua a ferver.  
E tambem póde servir  
P'ra candieiros suster.

## O bailarino incançavel

Para realizar este divertimento não é preciso recorrer a complicações mechanicas, mas apenas a um meio simplicissimo.

O bailarino obtem-se facilmente recortando uma estampa qualquer e pegando-lhe na base uma pequena tira de cartão. Para sala de baile servirá uma chapa de cristal bem polida. A

tira de cartão pegar-se-ha sobre um vidro de relógio que seja convexo, não plano. Sobre a chapa de cristal deltar-se-hão umas gótas de agua e colocar-se-ha em cima o vidro do relógio com o bailarino.



Para começar o baile, basta inclinar a chapa de cristal até conseguir que o vidro do relógio se ponha em movimento.

Quanto mais se inclinar e com quanta mais força, mais rapido será o movimento de rotação do bailarino. Quando, por excessivo impulso, o vidro do relógio vá a cair, procurar-se-ha incliná-lo em sentido oposto. Sobretudo para o bom resultado da experiência, é necessario ter cuidado que a chapa de cristal esteja perfeitamente limpa.

# Tão-ba-la-lão

Tão-ba-la-lão...  
Lala e Lalão,  
Tão-ba-la-lão!...

Num alazão  
De papelão,  
Tão-ba-la-lão!...  
Contentes vão  
Para Azeitão,  
Tão-ba-la-lão  
Mas dum desvão,  
Na escuridão,  
Tão-ba-la-lão!...



Como um papão,  
Salta um ladrão,  
Tão-ba-la-lão!...

Perdendo a fala,  
O Lala abala,  
Tão-ba-la-lão!...

Lá vai o Lala,  
Que é um poltrão,  
Tão-ba-la-lão!...

Mas o Lalão,  
Que é valentão,  
Tão-ba-la-lão!...

E se não rala,  
Com uma bala,  
Tão-ba-la-lão!...

Ala que ala,  
Mata o ladrão;  
Tão-ba-la-lão!...

Tão-ba-la-lão!...  
Viva o Lalão,  
Tão-ba-la-lão!...



*Inedito*

AUGUSTO DE SANTA-RITA